

# Palavras da Cruz. Afirmando sua Messianidade pela Realeza:

*Uma Leitura Comparativa  
das Narrativas da Crucificação em Mateus  
e Lucas com os Salmos 22 e 31.*

*Ágabo Borges de Sousa<sup>1</sup>*

RESUMO: As palavras da cruz são textos dos salmos e não palavras espontâneas, criadas naquele momento especial. Uma comparação dos salmos com as palavras traditadas pelos evangelhos, nos permite entender as palavras da cruz como intencionais e lidas a partir dos salmos de origem, como afirmação da realeza de Jesus como Messias, considerando ser esta a acusação que o leva ao sofrimento da cruz.

ABSTRACT: The words of Jesus on the cross, taken from the texts of the Psalms, are not spontaneous expressions of the moment. A comparison of the Psalms with the redaction of gospel traditions allows us to understand the words on the cross as an intentional reading of the Psalms that affirms the kingship of Jesus as Messiah, and understands this to be the accusation that led to his execution on the cross.

---

<sup>1</sup> Reitor do Seminário Teológico Batista do Nordeste.

## Introdução

A tradição cristã compreendeu o peso do significado teológico, que o movimento de Jesus do primeiro século deu à sua morte e ressurreição. Por esta razão este tema sempre volta à discussão nos meios exegéticos e teológico-sistemáticos, mesmo sendo um tema de caráter dogmático. Assim sendo, a importância deste tema já se afirma por si só.

Há, contudo, elementos de grande valor teológico a serem avaliados, não somente na leitura da morte de Jesus, mas em todo o Novo Testamento. Pois, como cristãos caminhamos muitas vezes, em nossa exegese, o caminho, que nos leva do Novo para o Antigo Testamento com muita facilidade e não o caminho do Antigo para o Novo Testamento, que foi o caminho percorrido na formação de nossa tradição. Podemos assim perder de vista o fato, de que a reflexão teológica do Novo Testamento encontra sua base no Antigo e não o contrário.

Muitas vezes encontramos nas palavras de Jesus, traditadas nos evangelhos, citações do Antigo Testamento como base de sua vida e mensagem. Isto se torna claro, quando compreendemos o interesse do Novo Testamento em afirmar ser Jesus de Nazaré o Cristo de Deus esperado e prometido desde os primórdios da história de Israel, sendo este Cristo de Deus o ponto de chegada da história da salvação trabalhada no Antigo Testamento.

Considerando este princípio parece razoável estabelecer uma via de mão dupla para a hermenêutica bíblica, onde a exegese participe de maneira direta. Por isto sugerimos uma leitura do “clamor de Jesus” na cruz a partir dos Salmos 22 e 31.

Os evangelhos nos traditaram duas palavras de Jesus, conhecidas como “clamor da cruz”, no momento de sua crucificação. São exatamente estas palavras “ditas em voz alta”, que nos levam a interpretar a profunda dor daquele que estava na Cruz.

Mt 27,46 “Eli, Eli lámá sabactani” - “Deus meu, Deus meu por que me desamparaste?”

Lc 23,46 “beidcha ’apkid ruhi” - “Em tuas mãos entrego meu espírito”

É importante perceber que estes brados não são frutos da criatividade momentânea de Jesus, como consequência de seu sofrimento, mas citações de textos conhecidos por ele, considerando ser ele um “rabi”. Portanto estas palavras ditas na cruz são frutos dos muitos anos de estudos, daquele que se tornara mestre em Israel.

Assim sendo não podemos compreender estas palavras como algo motivado puramente pelo momento, mas possivelmente continha ali um sentido especial. É compreensível, que naquele momento Jesus fazia teologia.

Seu conhecido envolvimento com as comunidades desérticas, nos permitem considerar Jesus de Nazaré um grande conhecedor da literatura salmódica.<sup>2</sup> Portanto, estas palavras da cruz fazem parte de seu conhecimento aprendido e internalizado no desenvolvimento de sua vida, possivelmente ligado aos inúmeros momentos, quando se recolhia ao deserto, onde, segundo a tradição dos evangelhos, viveu difíceis crises de sua existência humana.

A expressão “Eli, Eli lamá sabactani” (“Deus meu, Deus meu por que me desamparaste?”) é encontrada em Mt 27,46; Mc 15,34. Lucas e João não traditam estas palavras, que se encontram em Salmos 22,2<sup>3</sup>. A outra expressão do “clamor da cruz”, “beidcha ’apkid ruhi” (“Em tuas mãos entrego meu espírito”) foi traditada em Lc 23,46 e, de maneira indireta, em Mt 27,50.

Nos deteremos nestas duas expressões e, de modo especial, em suas citações em Mateus e Lucas respectivamente, sem, contudo, perder de vista a importância da literatura de Marcos na tradição sinóptica.

## I – Estrutura e Uso dos Salmos 22 e 31

Considerando que o “clamor da cruz” se trata de citações dos salmos, não observar estas expressões em seu lugar de origem, pode nos levar a

---

<sup>2</sup> Quanto ao uso dos Salmos na comunidade de Qumram, como exemplo conhecido, veja: FINT, P.W. *The book of Psalms in the light of Dead Sea Scrolls*. *Vetus Testamentum*, Leiden, v. XLVIII, n. 4, p. 453-472. 1998.

<sup>3</sup> Nas traduções em português a expressão vem em Sl 22,1. O aramaísmo de Marcos pode indicar o quanto era conhecido este salmo mesmo fora do rigor religioso do uso do hebraico. Há targum aramaico deste salmo.

interpretações, que fujam do sentido ou mesmo ocasionem problemas teológicos, uma vez que se trata de um aspecto importante na cristologia.

Sl 22 pertence, do ponto de vista da história da forma, ao grupo dos Salmos de Lamentações. Ele é dirigido a Jahwe, traz a descrição da necessidade, do sofrimento, tornando clara a figura do necessitado como aquele, que clama, pelo uso da primeira pessoa do singular, especialmente a partir do v. 12. Apesar das palavras de confiança que aparecem em 4 - 6 e 10 - 12, chama-nos a atenção a mudança do texto a partir do v. 23, quando o salmo se torna um cântico de louvor. Podemos com isto dizer, que, quanto a forma, o Sl 22 é um composto de lamentação e louvor.

Kraus insiste, com razão, de que este salmo encontra seu *Sitz im Leben* - seu lugar na sociedade - na comunidade cúltica, como podemos ver nos versos 22 e 25 com o uso da expressão “congregação” (qhl).<sup>4</sup> Não se trata, então, de um salmo de lamento particular, mas um salmo, cujo sentido está ligado a participação na comunidade, ou seja, a primeira pessoa do singular usada não identifica o orador em sua particularidade, mas necessariamente como participante da comunidade.<sup>5</sup>

O salmista apresenta a dor como paradigmática, para tantos outros e também como coletiva, ou seja para muitos ao mesmo tempo. Esta representatividade de alguém em relação à coletividade nos remete a teoria de Robinson da “corporate personality”<sup>6</sup>. Assim não nos é estranho pensar na figura do rei, mesmo não sendo diretamente citado, como o representante do povo. Poderíamos entender que “o abandonado no Sl 22 seria então o >rei moribundo< no ritual cúltico, e o grato (23-32) seria, no drama cúltico, o >regente ressurgido<.”<sup>7</sup>

Esta compreensão traz consigo um série de questionamentos, mas não pode ser descartada sem algumas considerações. Devemos observar o local do salmo no saltério. Os Salmos 20 e 21 são salmos reais, ou “cânticos cerimoniais régios”,

<sup>4</sup> KRAUS, H. J. *Psalmen 1-59* (Biblischer Kommentar - Altes Testament v. XV/1). 6o. Edição. Neukirchen: Neukirchener Verlag, 1989. p. 330.

<sup>5</sup> KRAUS, op. cit. p. 332.

<sup>6</sup> ROBINSON, H. W. *The Hebrew Conception of Corporate Personality*. In: Volz, P.; Stummer, F.; Hempel, J. (Ed.). *Werden und Wesen des Alten Testaments*. Berlin: Alfred Töpelmann, 1936. p. 49-62.

<sup>7</sup> KRAUS, op. cit. p. 324.

podemos compreender o Sl. 22 na continuidade de 20 e 21, que pedem pelo rei, sendo 22 a expressão do próprio rei.<sup>8</sup> É importante observar neste contexto, que Sl 22,9-10 nos remete a 2,7 e 89,26-28, que trata de um reconhecimento do regente entronizado, como filho de Deus, sendo esta fórmula parte do rito de entronização.<sup>9</sup> A negação da humanidade, expressa em 22,6, é seguida por uma afirmação no v. 11, que sugere o direito de socorro.<sup>10</sup> O salmo conclui com a afirmação do domínio do Senhor sobre as nações, afirmando, no meu entender, com mais clareza, que a problemática discutida no salmo não é apenas individual, mas na figura do [rei] sofredor - messiânico - o povo é representado.<sup>11</sup>

O Sl. 31 é um composto bastante complexo.<sup>12</sup> O final deste salmo, contudo, nos deixa claro o fato de ser um salmo dirigido a um grupo de pessoas e não se trata de uma oração individual, como propõe p. ex. Gottwald. Trata-se, portanto, de um salmo usado em reuniões, que mesmo tendo o indivíduo como o exemplo, conclui com imperativos no plural, convidando a comunidade especialmente a amar e esforçar-se.

As palavras de 31,5 - “em tuas mãos entrego meu espírito” - não são palavras de resignação, mas afirmam a proteção e remissão do Deus, que é refugio do injustiçado. O fechamento da fala da primeira pessoa do singular no v. 22 afirma a vitória do sofredor, pois é ouvido pelo Senhor: “... tu ouviste as minhas súplicas quando eu a ti clamei.” Com base nesta vivência há o convite ao amor e ao esforço do povo.

<sup>8</sup> Compare: 20,1 com 22,22.

<sup>9</sup> KRAUS, op. cit. p. 150s.

<sup>10</sup> Comentando este verso diz KRAUS: “Vielmehr nimmt der Beter in den Worten des Vertrauens Vorstellungen der königlichen Heilssphäre auf.” Op. cit. p. 327. Compare v. 19

<sup>11</sup> Quanto a participação do rei no culto, veja: DE VAUX, R., *Instituciones del Antiguo Testamento*. Barcelona: Editora Herder, 1976. p. 166-168. CLEMENTS, R. E. (Org.), *O Mundo do Antigo Israel: Perspectivas Sociológicas, Antropológicas e Políticas*. São Paulo: Paulos, 1995. p. 128-136.

<sup>12</sup> GOTTWALD classifica o Sl 31 entre as lamentações individuais anônimas (*Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 489). SEYBOLD não inclui o Sl 31, quando classifica as lamentações individuais, mas afirma ser este salmo uma oração de lamentação (*Die Psalmen: Eine Einführung*. 2o. Edição. Stuttgart, Berlin, Köln: Verlag W. Kohlhammer, 1991. Compare p. 99 e p.118). KRAUS observa a complexidade da forma deste salmo, afirmando a diversidade da forma e de elementos, mas em seu todo pode ser considerado um “cântico de oração” - Gebetslied (op. cit. 393s.).

Podemos com isto afirmar, que estes salmos (22 e 31) não são salmos individuais de lamento do sofredor derrotado, mas que estão ligados à experiência do povo. O indivíduo é visto como parte do povo.

O Sl 22 possivelmente nos remete a uma fala do rei, em lamento público, concluindo com a afirmação do domínio do Senhor sobre a história, portanto, sua vitória, e não a derrota de um vencido pelo sofrimento. O mesmo podemos dizer do Sl. 31, onde a entrega do espírito não se trata de um ato de resignação, do sofredor derrotado, mas um ato de vitória, daquele que procura no Senhor seu refúgio.

## II – As Palavras de Jesus e as Narrativas da Crucificação em Mateus e Lucas

O “clamor da cruz” é extremamente importante para a compreensão da cristologia dos evangelhos. É também importante lembrar, que estas palavras não são frutos da criatividade momentânea do crucificado, mas da tradição, na qual foi instruído Jesus de Nazaré, bem como as comunidades cristãs primitivas.

Quando olhamos o contexto das palavras de Jesus em Mt 27, percebemos que estas palavras não estão soltas no capítulo, mas que o evangelista se apropria de maneira clara do Sl 22. Podemos estabelecer alguns paralelos:

Mt 27,35 : “Então depois de o crucificarem, repartiram as vestes dele, lançando sortes, [para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: Repartiram entre si as minhas vestes, e sobre minha túnica deitaram sortes.]”

Sl.22,18: “Repartem entre si as minhas vestes, e sobre a minha túnica lançam sortes.”

Lc 23,34: “... então repartiram as vestes dele, deitando sortes sobre elas.”

Mt 27,39: “E os que iam passando blasfemavam dele, meneando a cabeça.”

Sl 22,7: “Todos os que me vêm zombam de mim, arreganham os beiços e meneiam a cabeça, dizendo:”

Mt 27,40: “... se tu és Filho de Deus, desce da cruz.”

Sl 22,9-10: “Mas tu és o que me tiraste da madre; o que me preservaste, estando eu ainda aos seios de minha mãe. Nos teus braços fui lançado desde a madre; tu és meu Deus desde o ventre de minha mãe.”

Lc 23,35: “E o povo estava ali a olhar. E as próprias autoridades zombavam dele, dizendo: Aos outros salvou; salve-se a si mesmo, se é o Cristo, o escolhido de Deus.”

Mt 27,43: “Confiou em Deus, livre-o ele agora, se lhe quer bem; porque disse: Sou Filho de Deus.”

Sl. 22,8: “Confiou no Senhor; que ele o livre; que ele o salve, pois que nele tem prazer.”

Mt 27,46: “Cerca da hora nona, bradou Jesus em alta voz, dizendo: Eli, Eli lamá sabactani; isto é, Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”

Sl 22,1: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? Por que estás afastado de me auxiliar, e das palavras do meu bramido?”

Podemos observar que a narrativa da crucificação em Mateus foi construída a partir do Salmo 22. Houve um interesse nesta identificação, que não encontramos, por exemplo, em Lucas. Desta maneira não podemos compreender as palavras de Mt 27,46 fora deste contexto, pois a narrativa da crucificação, como um todo, segue o conteúdo proposto no Sl 22.

Lucas, por outro lado, parece seguir uma outra tradição, mesmo se valendo das diversas fontes já correntes e conhecidas. Isto pode ser observado, quando comparamos a narrativa da crucificação em Lucas com o Salmo 31, do qual o evangelho faz um citado direto.

Lc 23,41: “E nós, na verdade, com justiça; porque recebemos o que os nossos feitos merecem; mas este nenhum mal faz.”

Sl 31,1: “Em ti, Senhor, me refugio; nunca seja eu envergonhado; livra-me pela tua justiça.”

Lc 23, 46: “Jesus, clamando com grande voz, disse: Pai em tuas mãos entrego o meu espírito. E, havendo dito isto, expirou.”

Sl 31,5: “Nas tuas mãos entrego o meu espírito; tu remiste, ó Senhor, Deus da verdade.”

Lc 23,49: “Entretanto todos os conhecidos de Jesus, e as mulheres que o haviam seguido desde a Galiléia, estavam de longe vendo estas coisas.”

Sl 31,11: “Por causa de todos os meus adversários tornei-me em opróbrio, sim, sobremodo o sou para os meus vizinhos e horror para os meus conhecidos; os que me vêem na rua fogem de mim.”

Lucas apresenta a crucificação como o sofrimento do injustiçado (Lc 23,47). Esta é a temática do Salmo 31, portanto, podemos dizer, que a narrativa de Lucas, mesmo usando fontes diversas para a elaboração de sua narrativa, tem em sua base o Salmo 31. O destaque é dado ao sofrimento injusto, daquele que é chamado ‘rei dos Judeus’. Por isto podemos afirmar que também a citação do Sl 31,5 não é acidental, mas leva o propósito de identificar os acontecimentos narrados com a figura apresentada ali naquele salmo.

Torna-se, portanto, imperativo se pensar no uso destas palavras, considerando a intenção destes Salmos e não como palavras isoladas, descontextualizadas de sua tradição de origem.

### **III – A Afirmação da Realeza e suas Implicações Teológicas**

Há uma importância muito grande para os evangelhos sinópticos, bem como o quarto evangelho, na afirmação da realeza de Jesus, ou seja, para a

crisologia dos evangelhos identificar Jesus como a figura messiânica do rei tem um grande valor.<sup>13</sup> Esta preocupação toma conta das narrativas finais dos evangelhos, com a crucificação.

Todos os evangelhos apresentam o diálogo de Jesus com Pilatos, mostrando girar este diálogo em torno da temática da realeza de Jesus.

Mt 27,11: “Jesus pois, ficou de pé diante do governador; e este lhe perguntou: És tu rei dos judeus? Respondeu-lhe Jesus: É como dizes.”

Mc 15,2: “Pilatos lhe perguntou: És tu rei dos judeus? Respondeu-lhe Jesus: É como dizes.”

Lc 23,3: “Pilatos, pois, perguntou-lhe: És tu o rei dos judeus? Respondeu-lhe Jesus: É como dizes.”<sup>14</sup>

A partir de então toda a discussão em torno da rejeição de Jesus está fundamentada na rejeição de sua realeza. A messianidade nestas narrativas não pode ser desligada do reconhecimento desta realeza, que se torna escárnio. Há uma troca das terminologias messiânicas entre Cristo e rei, outros termos são colocados de lado, para dar ênfase a estes, especialmente o de rei.

A acusação, que leva Jesus de Nazaré à injustiça da cruz, é a de ser rei dos judeus ou rei de Israel. Esta acusação fica registrado por escrito em sua cruz, conforme testemunho de Mt. 27,37; Mc 15,26; Lc 23,38 e Jo 19,19.

Considerando estes aspectos, podemos afirmar que as narrativas da crucificação pretendem ressaltar a messianidade de Jesus através de sua identidade como o ‘rei messiânico’. É importante perceber que, não há uma rejeição por parte de Jesus, quanto sua identidade com o ‘rei messiânico’. A resposta de Jesus a Pilatos é afirmativa, portanto, não é de estranhar que ele tenha assumido está prerrogativa messiânica diante das circunstâncias.

---

<sup>13</sup>Veja: SCHWANTES, M. *Esperanças Messiânicas e Davidicas*. Estudos Bíblicos (Os Salmos do Rei: a Fé e a Política). Petrópolis: Vozes, v. 23. p. 18-29.1989. Sobre messianismo em geral veja ainda: Estudos Bíblicos (Messias e Messianismo). Petrópolis: Vozes, v. 52.

<sup>14</sup>Quanto ao Evangelho de João veja neste mesmo volume, CALLAHAN, A. D., “O Rei é Morto”: A Paixão segundo o Evangelho de João.

Assim sendo, não podemos compreender o “clamor da cruz” como um ato de desespero, como o de alguém, que é vencido pela dor da rejeição. Diante deste quadro devemos contextualizar estas palavras na tradição veterotestamentária, considerando Jesus como um grande conhecedor desta tradição.

Partindo da indicação literária, que observamos acima, podemos ainda dizer, que as citações fazem parte de uma grandeza, que implica o todo dos salmos ali citados, e não apenas fragmentos perdidos de oração particular.

Para as narrativas da crucificação, especialmente Mateus e Lucas, Jesus naquele momento se torna rei e assume esta prerrogativa, por mais paradoxal, que possa parecer. Pois um rei é crucificado para a vergonha.

Teologicamente esta compreensão tem um grande valor, pois remete o Jesus de Nazaré à esperança messiânica e davídica tão importantes na vivência do povo sofredor e tão marcante na história da tradição de Israel.<sup>15</sup> Desta maneira é estabelecida uma identificação entre o Messias esperado e a figura do Jesus Crucificado.

Porém, uma leitura do “clamor da cruz” como o grito de desespero do derrotado e sofredor, traz consigo problemas, pois o rei-messias não tem estas características, muito pelo contrário, ele é vitorioso apesar do sofrimento.

É na crucificação que o Jesus de Nazaré assume sua messianidade como rei. Por isto devemos compreender suas palavras na cruz partindo da tradição dos salmos e seu sentido no contexto teológico dos evangelhos.

## Conclusão

Esta comparação das narrativas da crucificação em Mateus e Lucas com os Salmos 22 e 31 nos possibilita afirmar que os evangelistas tinham um interesse bem maior que apenas contar uma história. Seu interesse era fazer teologia, relendo a história na perspectivas das tradições escriturísticas. Portanto estas narrativas compreendem a história a partir da “palavra escrita”.

Observando desta maneira, as palavras de Jesus na cruz tomam um novo sentido. Elas deixam de ser palavras de um indivíduo, ditas em um

---

<sup>15</sup>SCHWANTES, M., op. cit.

momento de desespero como de alguém, que é vencido pela dor. Estas palavras passam a ser para os outros e não por si. A atrocidade da cruz toma um sentido para além de Jesus de Nazaré e se torna paradigmática para a comunidade a qual estas palavras foram proferidas, no caso de Lucas a todos os *teofiloí*.

Se consideramos a hipótese de que o Sl 22 faz parte de um cerimonial régio de sepultamento e estabelecimento de um novo regente, podemos dizer que ali na cruz Jesus de Nazaré assume sua posição como “rei dos judeus”, acusação que o leva àquela condição, celebrando assim seu próprio “sepultamento” e cantando a esperança do “ressurgimento” como regente. A frase “Deus meu, Deus meu por que me desamparaste?” não traz o peso do desespero, mas a abertura do lamento coletivo, que leva ao louvor da resposta do Altíssimo, que se afirma na ressurreição. É este Salmo citado por Jesus segundo os evangelhos que afirma: “Porque o domínio é de Iahwe e ele reina sobre as nações.” (v. 28)

Do mesmo modo podemos compreender a frase “Pai em tuas mãos entrego o meu espírito”, pois longe de ser uma atitude de resignação, trata-se de uma reação a uma situação rejeitável, quando se procura o refúgio e proteção no Deus Altíssimo.

Portanto, considerando que as narrativas da crucificação de Mateus e Lucas seguem a estrutura literária dos Salmos 22 e 31 respectivamente, nos pesa afirmar que no “clamor da cruz” a consciência de messianidade real está presente.

Estes brados não são brados de alguém desesperado e vencido. Estes brados são de alguém, que supera a ignorância e a estupidez da violência afirmando a sua majestade.

Jesus afirma assim sua vitória e o estabelecimento de seu reino. Estes brados não são simplesmente o clamor de um sofredor, mas a ousadia de um condenado, que afirma sobre sua pena a sua vitória.

Foi no sofrimento da finitude humana que Jesus ao invés de ser vencido pela vulgaridade do desespero, afirma sua realeza e messianidade pelo conhecimento adquirido e maturidade interior de se compreender diante de Deus como o Cristo. Desta maneira os evangelistas interpretam a partir dos salmos, aquela situação como a aurora da esperança do Reino de Deus.

---

**Bibliografia**

- CLEMENTS, R. E. (Org.), *O Mundo do Antigo Israel: Perspectivas Sociológicas, Antropológicas e Políticas*. São Paulo: Paulos, 1995.
- DE VAUX, R., *Instituciones del Antiguo Testamento*. Barcelona: Editora Herder, 1976.
- FINT, P.W. *The book of Psalms in the light of Dead Sea Scrolls*. *Vetus Testamentum*, Leiden, v. XLVIII, n. 4, p. 453-472. 1998.
- GOTTWALD, N. K., *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Paulinas, 1988.
- KRAUS, H. J. *Psalmen 1-59* (Biblischer Kommentar - Altes Testament v. XV/1). 6ª. Edição. Neukirchen: Neukirchener Verlag, 1989.
- ROBINSON, H. W. *The Hebrew Conception of Corporate Personality*. In: Volz, P.; Stummer, F.; Hempel, J. (Ed.). *Werden und Wesen des Alten Testaments*. Berlin: Alfred Töpelmann, 1936. p. 49-62.
- SCHWANTES, M. *Esperanças Messiânicas e Davidicas*. *Estudos Bíblicos (Os Salmos do Rei: a Fé e a Política)*. Petrópolis: Vozes, v. 23. p. 18-29. 1989.
- SEYBOLD, K., *Die Psalmen: Eine Einführung*. 2ª. Edição. Stuttgart, Berlin, Köln: Verlag W. Kohlhammer, 1991.
- STAGG, F., *Matthew* (Broadman Bible Commentary vol 8). Nashville: Broadman Press, 1969.
- TOLBERT, M. O., *Luke* (Broadman Bible Commentary vol 9). Nashville: Broadman Press, 1970.